

PAPO DE GALO

Número 2
12/junho/2020

SER
N. 17



All we need is
LOVE

PAPO DE GALO _ revista

A **Papo de Galo _ revista** é escrita por **Gabriel Galo**. Nesta segunda edição, ele também diagrama, pesquisa, revisa, administra e o que mais precisar, mas, dessa vez, o artista plástico **Sérgio Rossi** assina a capa e algumas ilustrações da revista. Então, deixa parar eu me referir a mim mesmo na terceira pessoa, porque isso é estranho demais.

Eu sou baiano de Salvador, torcedor do Vitória, formado em Administração pela FEA/USP, empresário semi-falido e escritor. Isso cronologicamente falando. Escrevo coisas demais, sobre assuntos demais.

Lancei, em outubro de 2018, o livro “**Futebol é uma Matrioska de surpresas: contos e crônicas da Copa 2018**”, contendo textos meus no Correio da Bahia e no Huffpost Brasil, além de alguns inéditos. Tem na [Amazon](#), e minha mãe falou que é bom.

Sou colunista do Correio da Bahia, do programa Futebol S/A da Rádio Sociedade da Bahia, do Arena Rubro-Negra. E tô aí correndo atrás de novidade pra quitar o boleto de amanhã.

Escrevo porque não tenho opção. Porque, por mais que tenha tentado outros caminhos, contar histórias é o que me faz acordar todos os dias com vontade de trabalhar. E, por Deus, como dá trabalho...

Ainda há muito mais por vir. Esta revista é só mais um passo rumo a sei lá o quê – o que importa, estou seguro, é a jornada, não existe isso de linha de chegada. E faço um convite a você, estendendo a mão: vamos juntos?

Caso queira apoiar meu trabalho, a campanha no **Apoia.se** e no **Catarse** estão no ar.


Ah! Eu sempre quero ouvir suas histórias. Quer conversar, propor pauta, criticar, o que for? Fale comigo!

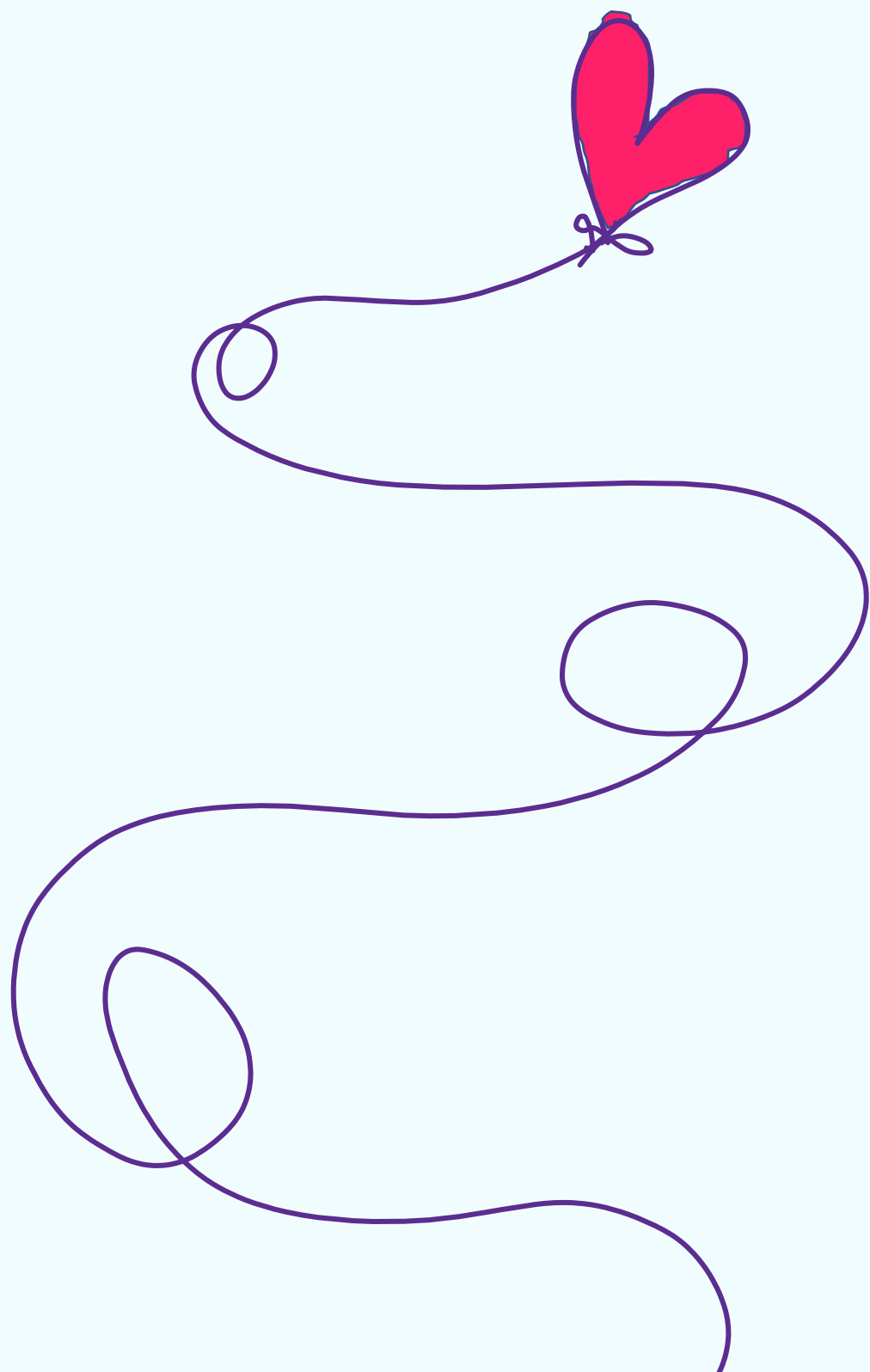
facebook.com/souogalo

instagram.com/souogalo

Email: gabriel@papodegalo.com.br

Abraço!





Para Lida

Por GABRIEL GALO

O conteúdo desta revista é 100% autoral.
Proibido reproduzir sem autorização expressa do autor.
© Papo de Galo. Todos os direitos reservados.

São Paulo, 12 de junho de 2020

REDES SOCIAIS



@souogalo
@canalpapodegalo



@souogalo
@canalpapodegalo



@gpgalo



gabriel@papodegalo.com.br



NAVESQUE -

— EDITORIAL

6, Uma pausa para o amor

— CONTO & CRÔNICAS

8, Quimicamente falando

10, I want to beak free

14, No campo do talvez

17, João Casamenteiro

21, É o Tchan

28, A inescapável breguice do amor

33, Certos e errados

37, A gravidez de Marilúcia

41, Zagueiro-zagueiro

45, Causos cotidianos, versículos I a VI

52, Cláudio e Marilene

59, Nicanor, o cantor das multidões

63, Términos abruptos, partes I a V

69, L'Amour de deux

72, Carpe Diem

76, Zica do casamento

— EDITORIAL

UMA PAUSA PARA O AMOR

Exaustão.

Estamos todos no limite.

De fato, o alcance do coronavírus excede a doença em si. Se não conhecemos ainda o desfecho e seus impactos, estamos vivendo seu decorrer com inquietude. Porque por mais que os exercícios em casa ajudem, que as *lives* de músicos famosos – ou nem tanto – se multipliquem, que os streamings colaborem e que escritores tenham liberado suas obras a preços simbólicos (quando não gratuitamente), somos feitos de conexões e de contato.

Ansiamos tanto pelo toque que eliminamos a racionalidade por inteiro. Ao nos aproximarmos da marca de 3 meses de isolamento seletivo (só pra quem pode, mandando os mais necessitados para o risco da doença em nome do desespero), somos o único país a manter a curva ascendente de contaminação e mortes, em passo firme rumo ao Brasil acima de tudo.

Tivéssemos aprendido com os exemplos de quem se despede do pico da Covid-19, estaríamos retomando à normalidade. Só que, infelizmente, subestimar riscos dentro da proteção do grupo, como se fôssemos inatingíveis individualmente, é parte inerente da nossa evolução. E em vez de estarmos debatendo retomada de economia e um possível exagero de prevenção (não seria justamente este o papel da prevenção, que o perigo pareça um abstrato exagero?), estamos dando voltas no próprio eixo, retroalimentando discursos que esticam a crise a níveis potencialmente insustentáveis.

As notícias contam da reabertura gradual, impulsionados por pressões políticas e econômicas, e aparentemente tudo tende a degradingar mais.

Neste cenário, vamos reinventando conexões, criando novas mídias e ressignificando as vias de afeto, desejosos de que um dia, eliminado o inimigo invisível, possamos, enfim, nos reunir sem pudores ou senões, talvez com um tanto de álcool em gel e de máscaras, oferecendo o contato e proximidade como bens maiores.

Mas apesar da introdução que contradiz a capa, deixe-me tranquilizar a inquieta mente de geral. Essa edição número 2 da Papo de Galo_ revista vem leve. Vem no mundo da fantasia, porque quem não está cansado de realidade?

Então, aproveitando o ensejo do Dia dos Namorados, eu vou resgatar um dos versos mais conhecidos dos Beatles: all we need is love.

E vá dizer que eles estão errados? Ainda mais num momento como esse...

O amor faz bem. Amor não tem má hora. Amor não tem validade.

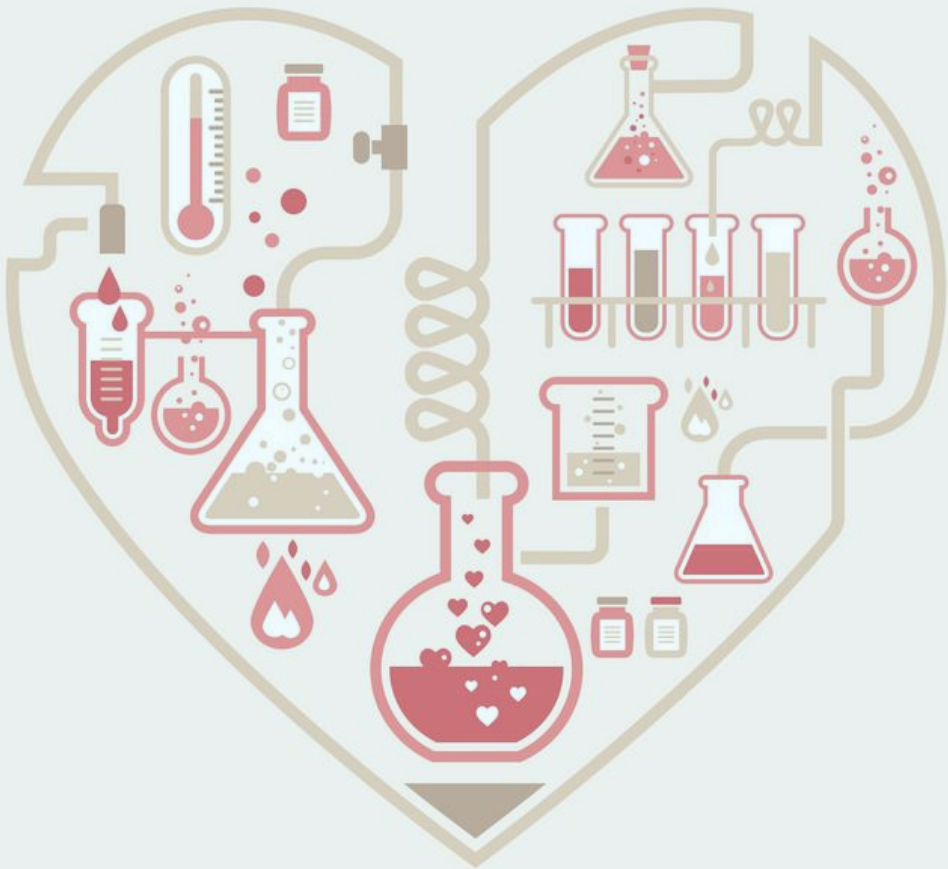
Apesar da riqueza de vertentes de amor em outras formas, nas páginas a seguir o que vai contar é o amor romântico, o amor de relacionamentos afetivos, de aventuras sexuais, excitações, descobertas, desejos, flertes, decepções, traições, corações despedaçados, e o que mais pintar.

Então, peça licença à crueza da realidade e se entregue ao voar da fantasia. Chame moção pra ler junto, mande esta revista pra moção ler de longe, mande pro crush que você quer que vire moção...

Tudo o que eu preciso neste 12 de junho de 2020 é de amor.

Esbalde-se.

8



QUIMICAMENTE

FALANDO...

Aí, veja só.

Criatura escreve um editorial falando da necessidade de fantasia. De leveza. De fuga da realidade. E vossência acha mesmo que eu vou meter explicação química?

Tome tenência, sujeito.

Hômi, quá, sinhô, me deixe!

Só não digo que você não é digno do que vem pela frente porque eu prezo pelos meus leitores. Pois ouça a voz do Galinho cacarejando no pé de seu ouvido.

Para fins de hoje, para fins desta revista, para fins da coisa inexplicável do amor –é inexplicável, sim, cientista, vá procurar sua laia– essa bestagem de química, hormônios, etc e tal, fica prum outro programa, talvez nunca, quem sabe do amanhã?

Eu sei é hoje.. E hoje aqui é *amour*. É só *love*. É suor, coração ligado, *beat* acelerado.

Então, atine-se pro cacarajo da razão: pule de uma vez pra próxima página.

Palestra de porquês não me interessam, só mentiras sinceras.

Garçom, traz a pinga do baratino, que a viagem promete!

Freddy Mercury, vocalista do Queen, durante gravação do clipe de "I Want to break free". 1984.

10



I WANT TO

BREAK

FREE

“

I've fallen in love.
I've fallen in love for the first time,
And this time I know it's for real.

”

Assim cantarolava Freddy Mercury, do Queen, na emblemática “I want to break free”, música de melodia contagiante e clipe hipnotizante.

Botando ordem na tradução: eu me apaixonei pela primeira vez, e desta vez eu sei que é de verdade.

Moleque-menino, ingênuo das coisas da vida, não entendi. Seria um fino sarcasmo britânico? Ria da aparente contradição da fala, enquanto, mais fortemente, orgulhava-me de poder captar parte do inglês sem auxílio.

Demorou para que a maturidade impusesse juízo para compreender as artimanhas do amor, para absorver as complexidades das relações que entrelaçam corpos e destinos.

QUE SERIA, POIS, O AMOR?

A sensação angustiante de recém-adolescente que, diante da beleza da garota colega de escola, paralisava a mente e o corpo, fazia gaguejar e enrubescer o guri, dava a pista.

Punha-me, então, a consultar o oráculo do amor dos anos 90: os papéis de carta “Amar é” e ao interior das balas Ice Kiss.

Aos primeiros, pouco tinha acesso. Estava implícito na regra social que papel de carta era coisa de menina. Restava, pois, as balas, que além de oferecerem pílulas de sabedoria, levavam sabor e refrescância ao hálito da meninada.

Abria o papel para ler o textícuo interno, tinta azul sobre o papel laminado cinza, deixando tatuagem impressa na bala, e era inundado de platitudes que pintavam o amor em bobeirices que, a bem da verdade, algum sentido faziam, e que moldavam o agir-correto perante a paixão.

Ali estava, portanto. Na repetição de atitudes pretensamente nobres, ensinava-se que amar é agir. Mas esta lição também foi assimilada muitos anos à frente.

Porque, no antanho da puberdade recém-instalada, ó!, decepção. Minha dúvida não era sobre o que fazer quando amar, mas entender se o que sentia era, afinal, amor!

O molde do comportamento, além do livro-texto em fascículos que vinha como troco na cantina, era a observação.

Olhava para dentro de casa e percebia que, se aquilo era amor, não era, por fim, algo assim tão nobre. Na TV, o amor era arrebatador, coisa de fugir junto rumo ao pôr-do-sol numa ilha deserta.

Entendo que a formação do amor, como conceito e como comportamento, é, logo, questão de convivência. Reproduzimos o que aprendemos. Somos repetidores de normas sociais, pois incapazes de avaliar se sim ou se não em julgamento de propriedade.

Este aprendizado, por óbvio, também veio com o tempo.

Na medida em que o eu-menino estirava, mais cores apareciam. Amava-se em muitos espectros, em muitas searas, em muitos cenários. Amar não era exclusividade do homem-mulher matrimonial, o que abriu a mente para abraçar o “eu te amo” à quem acalentasse o coração pela presença e pelo desejo necessário de dizê-lo.

O impulso de externar o amor contido era, finalmente, parte fundamental da montagem do quebra-cabeças do que é o amor.

Amar passou a ser a construção do sentimento que leva à descrição única, instintiva, em três palavras mágicas, quando todas as outras não parecem ser suficientes, numa catarse de entrega, no ápice da vulnerabilidade: eu te amo.

CONCLUI-SE, DECERTO, QUE VOCÊ SABE QUANDO AMA QUANDO VOCÊ SABE QUE AMA.

E o saber depende da sua vivência, da bagagem acumulada, porque, tão certo quanto o raiar do sol num novo dia, a conclusão será outra uma vez talhada a experiência em decepções, alegrias e conhecimento.

Num estalo, lembrei do **Freddy Mercury**. Na eureka da montagem da compreensão, o sarcasmo, embora presente, era secundário na poesia do verso que apelava ao ineditismo do amor.

SEMPRE QUE NOS APAIXONAMOS, É COMO SE O FIZÉSSEMOS PELA PRIMEIRA VEZ. E SENTI-LO REAL É FAZÊ-LO REAL.

Sou, enfim, livre.

14

NO CAMPO DO

TALVEZ



O que foi exatamente que aconteceu? Aquela adrenalina, aquela sensação de forte insegurança, aquele ardor que provocava sorrisos contidos e muitas dúvidas?

Faz sentido, imagino, que nos fechemos a tal instante. Autoproteção, acima de tudo. E se nos machucarmos? E se não der certo? E se eu abrir mão de tanta coisa por nada? No mundo do nada, pouco vira muito.

Sentimos medo, sobretudo, da materialização frustrada, da expectativa transformada em realidade.

Expectativa: a alegria de uma lembrança construída sobre nada, a não ser um arremedo de passado que se entrelaça conforme nosso imaginário.

Buscamos na nossa consciência a racionalização para o não sentir, e tomamos rumos opostos. Ora, se deve seguir cada um seu rumo, não seria melhor não saber de você, para que nossa história seja sempre perfeita? O ciclo da imaginação não permite erros.

Ou não é justamente a expectativa da realização que nos mantém vivos, no limite máximo dos nossos desejos?

A possibilidade do concreto, por menor que seja, é que dá oxigênio à fantasia. Queremos acreditar na fantasia que possa ser verdade. A fantasia total serve como encantamento momentâneo, alheios ao nosso viver, não tem aderência. Quero você ainda mais por saber que você existe, em algum lugar.

No que a criação do que é nosso supera qualquer história.

Neste caso, existe melhor do que a nossa? A minha criada por mim, a sua criada por você?

Passa-se o tempo, a vida segue, as contas chegam, e banalidades dão as cartas de como a vida tem que ser. O poder do absurdamente comum e insignificante. O dia-a-

dia tem uma capacidade incrível de nos afastar de nossas vontades.

A realidade que destroça a expectativa não é a materialização do fato sonhado, com todas as suas nuances quase inteiramente distorcidas, mas a rotina.

Que ironia: tememos a realidade que nos decepcione e nos refugiamos na que nos castra, por aquilo que nos delega uma falsa sensação de controle. Que diferença, então, faz?

No que há de se propor uma nova perspectiva: será que é assim tão ruim esperar o espetacular? Não seria preferível frustrar-se aqui e ali, mas sempre almejar o divino, a fazer um pacto com o medíocre?

Quem consegue calcular o desenrolar deste enredo? De qualquer um, aliás?

Na resiliência me pauto, mesmo que fugindo da praticidade do cotidiano, este sacana que nos puxa para baixo e nos traz ao mundo de fila-de-banco.

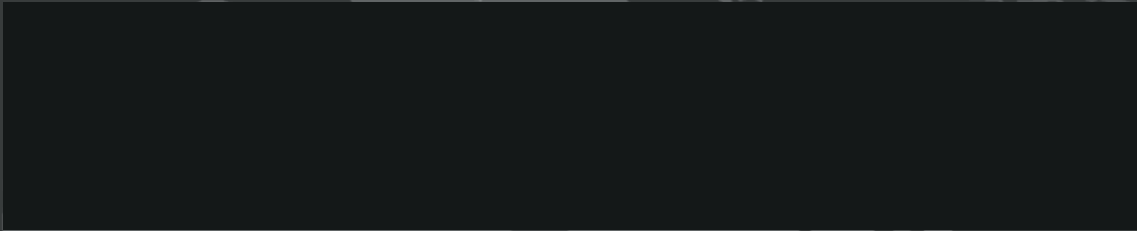
Que será que vale mais: uma tarde de glória ou uma vida de racionalidade calculada?

E no caso da concretização do esperado, se a memória reconstrói tudo, não haveria de apagar uma eventual frustração e manter tão somente a expectativa, como se nada tivesse acontecido, substituindo por uma nova? Subestimamos a nossa tendência ao autoengano.

Assim sigo e sonho, recriando e recontando nossas aventuras. Crendo que no entregar-me aos seus braços faço-me completo em si, mesmo que no instante.

Talvez alguns amores tenham que existir apenas no campo do talvez para existirem.

17



ria
ite

JOÃO

CASAMENTEIRO



“

Sempre foi assim: acaba um casamento, rapidinho estou morando com outra. Nunca traí. Começo de novo, logo estou morando junto. Eu gosto de casar.

”

Era a segunda e última noite em Búzios, num distante abril de 2017. Na manhã seguinte seguiríamos rumo na nossa viagem de férias para Vitória, no Espírito Santo. O TripAdvisor indicou o restaurante onde deveríamos comer, o Mr. Dian.

Fomos recepcionados pelo João, um simpático e expansivo garçom, que se esforçava para vender o cardápio, e o fazia bem. Já sentados, lá vem o João, galanteador, a entregar uma rosa de guardanapo para a minha mulher. “Tá vendo como se trata uma mulher?”, ela brinca, para inflar o peito e o ego de nosso novo amigo. Vamos dando assunto, e ele nos conta sua romântica trajetória.

– Tenho 33 anos e já casei 13 vezes. Na primeira vez eu tinha 14 anos. Foi um escândalo na família. Minha avó não queria de jeito nenhum, mas não teve jeito, e eu fui morar com a minha primeira esposa, que tinha 28 anos na época. Apesar de novo, eu já sabia o que queria.

(Nota do escritor: que garoto de 14 anos não pensa em sexo garantido o tempo inteiro? Segue.)

– Saí da casa da minha avó no Rio de Janeiro e fui para Macaé! Larguei tudo pra trás e fui. Fui feliz lá. Um tempo depois acabou, mas eu já me engracei com outra. Sempre foi assim: acaba um casamento, mas logo estou morando com outra. Nunca traí, mas a gente tem que garantir, sabe como é, né? Mantenho os contatos, e vamos em frente. Quando acaba, já começa de novo, e logo estou morando junto. Eu gosto de casar, gosto de morar junto, gosto de ter alguém.

Pergunto como ele foi parar em Búzios.

– Minha esposa é daqui da Região dos Lagos. Eu perdi o emprego num escritório de contabilidade, e vim pra cá pra passear. Gostei e tentei ficar. Aqui no restaurante estavam procurando gente, e apesar de nunca ter trabalhado como garçom, o chefe me deu uma chance. E faz alguns anos que estou aqui. Não quero sair, estou feliz, me dou bem com o dono, é um trabalho sem preocupação, sabe? Vida boa mesmo tem o patrão, que mora aqui em cima do restaurante –ele aponta para a casa exatamente em cima do estabelecimento–, mas eu não tenho do que reclamar, não. Minha vida é boa.

Curioso, pergunto, então, da avó e do Rio.

– Ih, desde que eu saí do Rio de Janeiro não voltei mais. Tem mais de 10 anos que eu não piso os pés na cidade. Tenho muito medo. Quando era pequeno passei por todo tipo de situação que você puder imaginar. Vi violência o tempo todo perto de mim. Uma vez entraram no apartamento onde a gente morava e fizeram todo mundo de refém. Imagine, minha avó e um monte de criança. A gente não tinha nada, mas quem liga? Meteram fuzil na cabeça da minha avó, colocaram cano dentro da minha boca. Eu criança e vivendo aquilo. Tive que ir para hospital com a boca sangrando e tudo. Além disso, eu estudava à noite e voltava para casa a pé. Era assaltado quase todo dia. Assalto para mim era comum. Quando saí do Rio, acabei indo para lugares onde isso não acontece. Hoje tenho medo. Mas tenho que ir ver minha avó. A gente se fala por telefone, mas nunca mais fui vê-la, nem ninguém mais da família. Esse ano eu vou. Saio de férias na semana que vem, já comprei passagem e vou.

Peço para fazer uma foto dele, ele topa. Passa um garçom de outro bar, que faz uma graça, eles riem muito. A fama de João é conhecida na cidade toda. A extensão de verdade na história toda não importa. 13 casamentos em 19 anos, há de se duvidar, como não? Aceitemos como foi contada, porque é o que resta e o que importa. Se para ele é real, assim o é.

Volto o assunto para coisas mais mundanas.

- E pensão, tem alguma?

- Tenho nada. Já perdi muita coisa com divórcio, mas não ligo. A gente corre atrás, constrói tudo de novo. Não tenho filhos. Não sei se quero. Meu pai abandonou a família quando novo, e foi pra Minas. Durante um tempo eu morei com ele, quando eu era criança, mas ele sempre foi distante. Tenho medo de ser igual a ele. Não quero que meu filho não tenha pai, não quero que sofra o que eu sofri. Minha mulher fala que está na hora, ela quer muito. Estamos conversando. Quem sabe?

Tempos mais tarde, o pai de João encontra o texto por aí e deixa um singelo comentário:

“

Fico feliz de rever o meu filho retratado numa história tão bonita. Pena que seja tudo mentira.

”

Entendo João, no entanto. Entre a realidade e a fantasia, especialmente quando traumas, quaisquer que sejam e que são de exclusividade dos envolvidos, nos maltratam o juízo ao ponto de enterrar relações para dar vida a uma nova jornada, há de se abrir exceção para que a mentira se vista de fato.

Às vezes me pego pensando: será que a essas alturas ele já não se casou de novo?

21



É 0

TC HAM



Veja como são as coisas, e como gente é bicho influenciável. Edivânio cresceu pêlos ali pelo meio da década de 1990, e como adolescente que se preze, foi levado pelo remelexo dos becos da velha cidade da Bahia.

E, olhe, não venha me dizer que é absurdo o que se passa daqui pra frente, porque juro de pé junto, que cada linha aqui contém a mais pura verdade. Então, se aconchegue, arrume o seu café, sente-se ou deite-se – o que importa é o conforto – porque o bicho é da cara preta.

Corria o ano da graça de 1995 e a Bahia foi invadida pelo Gera Samba. Para Edivânio, fez-se o ano que realinhou os planetas e as estrelas em suas intencionadas órbitas. Porque pode parecer exagero para o ouvido mais incauto, mas a partir daquele momento a história da música baiana passou a ser dividida em ABJ e DBJ: antes e depois de Beto Jamaica. Poderia ser ACW e DCW, mas dáblui tem muita sílaba, melhor ficar com o ji.

Foram anos de expansão da música baiana para o Brasil e para o mundo. Antenado, Edivânio sabia todas as coreografias. Até enviava uns vídeos caseiros com sugestão de novas danças para as músicas. Certa vez, defronte da televisão, não pôde crer no que via. Rebolavam os dançarinos tal qual recomendou! Apressou-se a contar aos amigos de seu feito.

A relação com a trupe foi crescendo e se fortalecendo.

Viajou com a banda para tudo quanto é canto, mas só com a imaginação, porque pobre de dar dó, nem para o ônibus lhe sobrava. E nessa onda foi um tal de ir pro Havaí, pra selva, pro Japão, pro Egito...

Acompanhou com afinco as mudanças das loiras, das morenas, mas a manutenção do núcleo, digamos, duro, com Jacaré, Beto Jamaica (que foi, mas voltou) e Cumpádi Washington, agora alçado ao posto de ídolo cult.

Para Edivânio o mundo só era possível com o É o Tchan.

Na louca roda-gigante que é essa da música, o sertanejo pegou pesado, o pagode atropelou, e, gradativamente, menos se via e se ouvia do grupo baiano.

Dalva, sua mãe, não consegue dizer com exatidão quando foi que essa passagem se deu. Envergonhada de dar dó, e eu, na condição de pai, padeço de seu sofrimento. Então, começa a contar o caso do menino que só falava usando frases de música do Tchan.

— Olha, moço, ele sempre foi um bom menino. A gente é simples, certo? Veja bem aqui a nossa casa. A gente passa um sofrimento danado, mas sempre quis que meu menino estudasse. E eu cobrava! Apertava a mente dele até sair de perto do rádio, mas chega uma hora que cansa, entendeu?

— E foi então que aconteceu?

— Foi, assim, devagar. Começou com umas frases aqui e ali. Depois de um tempo, quando me dei conta, era assim o tempo inteiro.

A senhora caiu em prantos, e mais uma vez não pude conter minha emoção vendo seu desespero de mãe desenganada.

Ela me levou para conhecer o pequeno barraco. Fomos eu e minha assistente, Amanda, que anota quase tudo que vê e ouve. 4 cômodos apenas, 2 quartos, sala e cozinha misturados e banheiro. Na sala, mostrou-me um pequeno altar num buraco da parede, onde se via o rastro de velas “acendo todo dia na hora da Ave Maria”, santos, Jesus e Irmã Dulce, fotos 3×4 de seu menino e de sua irmã que “está doente, coitada, lá em Itaberaba” e mais acima, outras 3×4 de Beto e de Cumpádi.

— Isso não é nada, meu filho.

Percebendo minha surpresa pelas imagens da dupla no oratório, seguiu para o quarto me puxando pela mão. Abriu as portas dos guarda-roupas carcomido, cujas partes de dentro exibiam pôsteres de todas as dançarinas que importavam: Carla, Débora, Carvalho, Mello. Ela tentou me mostrar uma caixa de sapato que ele guarda debaixo da cama, mas recusei, “não precisa.”

Estava eu sentado na pequena mesa de metal na cozinha da casa deles, com a mãe passando um café quentinho, que é sinônimo de boa receptividade. Se não passarem café para você, bem-vindo não é.

Edivânio chegou da rua, saudando sua mãe com alegria:

— Tchan! Cheguei, hein! Estou no paraíso!

— Passei café agorinha, meu filho. Quer?

— Ah, que beleza, que maravilha, isso é magnífico, mãe!

— Pronto. – A prestativa senhora já lhe servia uma xícara fumegante.

No que ele tomou um gole apressado e foi direto pro banho. Saiu cantando do chuveiro:

— Que delícia, mainha! Estou todo molhadinho!

Mais uns minutos, ele volta à sala. Dalva logo se apressa em nos apresentar.

— Meu filho, esse é o Gabriel e essa é a Amanda.

— Prazer.

Começo eu falando, estendendo a mão para Edivânio.

Ele me cumprimenta soltando um grande “Tchan!” e abre um largo sorriso avaliando Amanda de cima a baixo.

— Baba, Ali, baba...

Amanda abre os olhos arregalados, assustada com a ousadia do rapaz.

— Sua mãe estava me contando que você tem essa mania de...

— Pau que nasce torto nunca se endireita!

Fala ele, me interrompendo, já sabendo o que eu ia falar. Seus olhos não desgrudam de Amanda, que de perplexa começa a mexer levemente nos cabelos. Tento mudar de assunto.

— O você faz da vida, Edivânio?

A mãe se apressa em responder.

— Ele tem uma agência de turismo especializada em levar turistas para os bailes de Salvador. Diga a ele seu slogan, vá, meu filho!

— Segura o gringo, pega o gringo, põe o gringo, bota o gringo pra sambar!

O telefone toca. Ele me pede um minuto, apenas com o dedo em riste.

— Ei, Tchan! Alô e Tchan! Quem vem de fora vem chegando agora? Balance o corpo, meu bem, não demora!

Ele desliga em seguida e arrasta a cadeira para mais perto de Amanda.

— Então você mexe com turismo, então? —retomo. — De onde vem mais cliente?

— Vem do Oriente pra mexer com a gente.

Pouco se importando comigo, permanece todo o tempo sem tirar os olhos de Amanda, que agora já sorri encabulada, mordendo os lábios inferiores, e correspondendo brevemente aos seus olhares.

Aí, então, consciente da vitória, ele se levanta, resoluto.

— Tira a cadeira e abre a roda, menina, é hora de quebrar. Sei que você gosta, sei que você deixa...

Segurando-a, prossegue na empreitada, puxando-a até ficar de pé e ir em direção ao seu quarto.

— Tudo que é perfeito a gente pega pelo braço... Mexe a barriguinha, sem vergonha, e entre... É só você e eu!

Retruco.

— É Domingo, ela não vai...

— Vai, vai... - Dizem ele e a mãe ao mesmo tempo.

E fechando a porta atrás de si, ouve-se poucos segundos depois, gritinhos de contentamento da Amanda, e ele a gritar em êxtase:

— Ela fez a cobra subir! Está chegando a hora e você vai ter que pegar! Me queima, danada! Mete em cima, mete em baixo! Ordinária! Ô, uô, uô, uô, uô, uô, uô,ô.

Constrangido, despeço-me da já anestesiada e resignada Dalva. Na rua, no caminho de volta, vejo uma morena vindo ao longe. No que ela passa, ensaio:

— Danada! Ordinária!

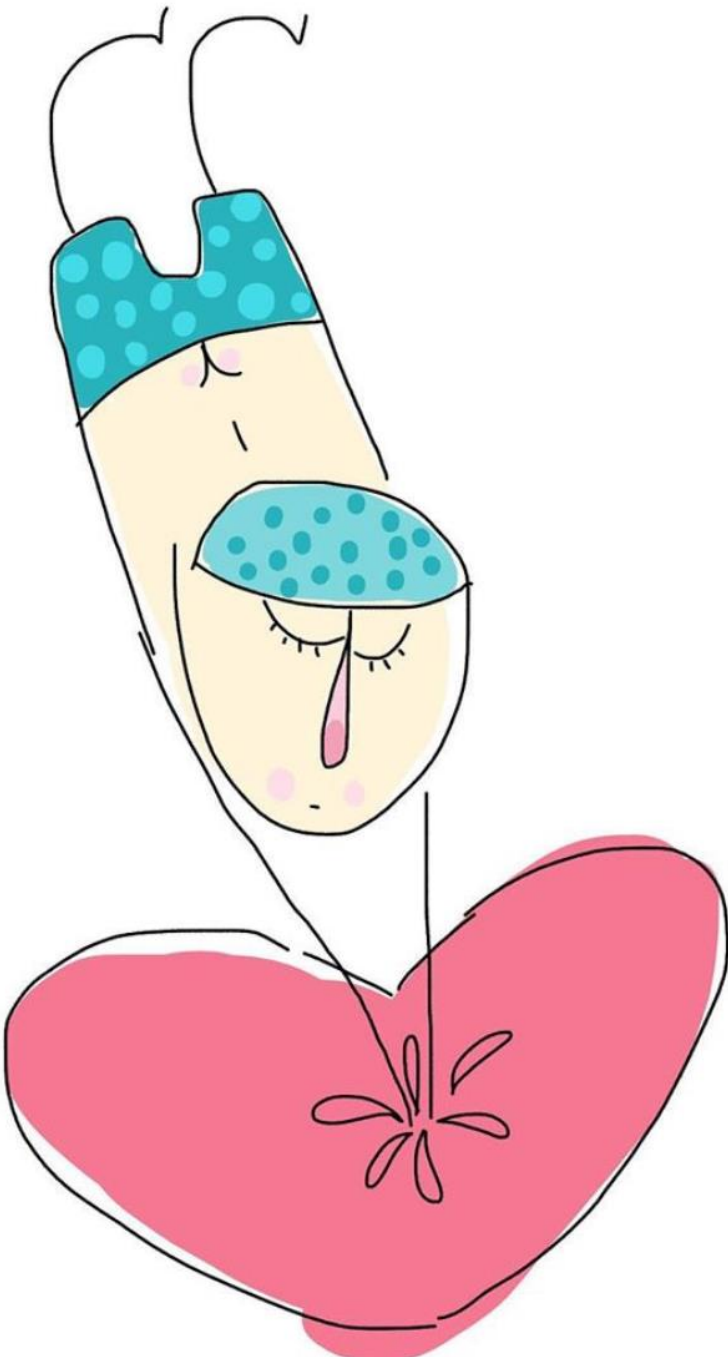
De resposta ganho um belo tapa na cara. Tem que ter as manhas.

APOIA.se



catarse

VEM!



OVMSY/102

28

A INESCAPÁVEL

BRIGADA DO

AMOR



Você diz que com você JAMAIS! Não, não e não. Outro não, para enfatizar. Você vê aquele casal grudadinho, txutxuquinho, bicotinhas, sorrisinhos e cochichinhos, beijinhos e carinhos e amassos públicos...

NO AMOR, O DIMINUTIVO É SUPERLATIVO.

Você ali, observando, não conseguindo disfarçar uma certa repulsa, afe, comigo isso jamais aconteceria!

Ora, meu caro ser de coração peludo, chegou a hora de admitirmos o inegável. Estamos todos fadados a sucumbir à inescapável breguice do amor.

Alguns transparecem nos apelidos.

Uma amiga minha chama o namorado de Príncipe. Até aí nada de mais, certo? Acontece que ela se refere a ele somente como príncipe. Inclusive com ele do lado, na conversa. Assim diz:

– A gente foi ver apartamento, daí o príncipe falou...

E ele ali do lado, membro da realeza, virando personagem do mundo fantástico do amor.

Para outra, era o Vida. Depois de alguns minutos de conversa, eu entendi que ela jamaisalaria o nome do rapaz, e eu perguntei:

– Mas, vida, qual seu nome?

– Tiago.

– Eu ia me sentir desconfortável chamando você de vida o tempo inteiro.

Hoje, casados e felizes, o Vida é o Vida pra todo mundo, e Tiago é como se fosse um parente distante que ninguém lembra quem é. Ponto pro amor.

Apelido pega que gruda, não adianta lutar contra. Aposto que você tem o seu.

Outros, preferem transparecer nos carinhos e afagos.

O ciclo de vida dos carinhos começa na lambeção extrema. No auge da paixão, toda hora é hora, todo lugar é lugar. E quando você se dá conta, tem gente um em cima do colo do outro, aos beijos, fervorosos, com gemidos e tudo, em plena missa de Domingo, pra desespero do padre e objeção efusiva da beata.

A ânsia vai diminuindo até chegar na bicota. **Só existe profissional tarimbado no mundo da bicota.** A bicota é cumplicidade, é o resumo do eu te amo de longa data. Exige anos de relacionamento, ter vivido muita coisa junto. Seus avós dão bicota. A bicota é a resistência da demonstração física quando o corpo não pode mais do que aquilo.

Tem aqueles que preferem o segredo das piadas internas e dos sussurros nos pés da orelha. Todos ali, serenos e impávidos, vendo a declaração de um discurso da ONU sobre a guerra na África, e o casal começa com as risadinhas. “Hihihihih” contido, seguido por um “Shhhhhh, fala baixo!”, “Para!” e mais risinhos. Um beijinho no pé da orelha acompanha. Uma gargalhada escapa, “desculpa, gente!”, e voltam-se um para o outro, outra vez rindo. “Para!”, “Eu não fiz nada! Para você!”, “Hihihihih”, tudo de novo e novamente.

Tem os elevadores de adoração. Aqueles que, não importa o que estiverem falando, o namorado ou a namorada sabe mais, pode mais. Deve ter um altar em casa com a imagem do cônjuge no lugar de um santo.

Alguns escolhem objetos. Aquela almofada vermelha em formato de coração com bracinhas saindo de cada lado, escrito “EU TE AMO” em branco no centro. Uma caneca FOFA com uma mensagem de uma música do Karametade. Uma camiseta silkada com aquela foto marada viagem para o Guarujá. Tem gosto para tudo.

Dentro destes todos, ora, existe o supprassumo: aqueles que gritam para o mundo o quanto amam. Olha, mas é tanto que transborda. Ali, no a dois, é pouco, é preciso expandir. Se puder ser para sempre, que seja eterno enquanto dure, ou enquanto duro –conforme dizia o sacrista degenerado do Vinícius de Moraes, homem que casou quase o mesmo tanto que João, o casamenteiro–ainda melhor. Nestas ondas, surgem os textões de Facebook, as tatuagens com o nome de quem ama.

No que se chega ao cúmulo da breguice inescapável do amor: os carros de mensagens. Teve seu auge nos anos 90, hoje está meio parado, mais um negócio perdido por conta das mídias sociais.

Os carros de mensagem são a evolução das serenatas.

Você está em casa, sossegado, de repente, ouve seu nome na rua. Sai na janela, e lá está aquele Corsa branco adesivado inteiro de corações, bexigas decorativas presas com fita dupla face no teto, uma pessoa vestida de coração na frente, talvez com um microfone na mão. Declama com intensidade e paixão uma poesia de cartão de presente, para no final, arremate, cereja do bolo, “Juvenâncio mensagens, aqui é amor! 3035-1491!”

Tem que amar muito para mandar um negócio desses. Só quem ama muito está disposto a ultrapassar as barreiras impostas de uma sociedade quadrada, que inventa conceitos ultrapassados, como noção e vergonha. O resto é “gostar muito” e olhe lá! Amor é que não é.

Nem tente escapar.

Vai por mim, é impossível.

O amor é o Odair José de sunga branca.

O amor é a Joelma de lingerie num quarto de oncinha.

O amor é um quadro do Romero Brito na sala da Narcisa Tamborindeguy.

O amor é uma declaração durante uma música do Raça Negra em pleno churrasco com a galera.

O amor é uma comemoração no Paris 6.

O amor tem o cabelo do Reginaldo Rossi, usa roupa do Amado Batista.

O amor canta arrocha vendo foto no celular.

O amor quer viagem para Dubai, grita quando vê a Estátua da Liberdade.

O amor é um desses cachorrinhos branquinhos pequenininhos e muito peludinhos, que latem estridente e comem ração especial.

O amor é food truck com cerveja artesanal.

E vem desavisado, sem nem pedir licença. Quando você se dá conta, tem porta-retrato do casal de cachecol em Campos do Jordão na estante do quarto.

Um assombro.

33

CERTOS E

ERRADOS



Ele dormia profundamente quando o celular apitou às mais de duas horas da manhã. Noite alta corria em silêncio, o que amplificava o barulho do toque a níveis insuportáveis. No visor, sua namorada, que sem perder tempo avisa, “estou indo praí, precisamos conversar.” Entendedor do que um “precisamos conversar” significava para um relacionamento, pôs-se a esperar cochilando.

Havia pouco tempo que estavam juntos, mas era uma relação intensa. Destas que não tinham muitos percalços ou discussões, trocados por uma afinidade intelectual e física fora do comum. Entendiam-se no olhar, no toque, nas palavras. O que não quer dizer que não era sem problemas, novos que eram. Havia, e há algum tempo, embora pouco, que ela, principalmente, demonstrava sinais de que algumas coisas eram desconfortáveis.

De posse de sua chave para o apartamento dele, ela entrou. Seguiu até o quarto onde ele não mais dormia, pois reacordou com o tilintar das chaves, o girar da engrenagem e o ranger da porta. Encontrou-o sentado na cama. Não quis beijá-lo. Andava ansiosa, de lado a lado, olhando para o chão para encontrar a resolução necessária que a levaria até o fim de seu objetivo. Uma coisa é desenhar na cabeça o que vai ser dito e como, outra totalmente diferente é verbalizar.

— Eu não gosto da pessoa que eu sou quando estou com você. A gente tem que terminar.

As palavras saíram duras, aos tropeções. Nela, o semblante de um certo orgulho aliviado por ter se colocado para fora o que lhe congestionava a alma.

Nele, a faca da crônica anunciada a romper-lhe o peito, pois mesmo que já se conheça o final, menos dolorido não será. Lembrou-se da primeira vez que a viu, “vou casar com essa mulher!”, vaticinou, ingênuo.

Sentia na pele o que na memória se instalava; o encontro discreto de seus dedos, o primeiro toque; os cabelos os cabelos entrelaçados nos seus; nos lábios o gosto de seu beijo e de seu corpo..

O argumento, no entanto, era infalível. Sabia ele, pelo couro marcado a fogo da experiência, o mal que significava não gostar de quem você é dentro de uma relação. Procurou afastar-se de si e transpor-se à pele dela. Que dor haveria ela de ter a lhe maltratar a carne! No afastamento, cobriu-se de racionalidade, tanto quanto foi capaz de amealhar.

— Sua decisão está tomada? – Perguntou ele.

— Sim. – Afirmou ela, peito inflado.

— Então não há nada que eu possa falar.

As palavras, ao contrário das dela, saíram mansas e sem pressa. Se para ele dizer aquilo foi surpreendentemente natural, via-se nela a dor pelo peso que elas possuíam. Teriam tido para ela o mesmo peso do não gostar de ser quem é quando com ele.

Estavam ambos certos. Ela pelo desconforto que externava, algo que lhe machucava, que lhe tolhia as ações e criava uma personagem que não desejava interpretar. Ansiava por ser livre, leve, solta, como todo relacionamento deve ser. Ele pela racionalidade que foi capaz de construir, não estendendo a conversa para que pudessem se agredir ou se machucarem, para que discussão não virasse. Respeitou e aceitou sua vontade.

Ao mesmo tempo, no entanto, estavam ambos errados. Na surpresa pela racionalidade das palavras dele, sua expressão havia se transformado de resolução para o medo. Queria ela que ele lutasse por ela, que ele se ressentisse, se indignasse de alguma forma. Queria, no mínimo, uma reação mais emocional, mesmo que aquilo a desmontasse.

Não desejava ela, em seu íntimo, então, que ele a desconvesse e fizessem amor calidamente na madrugada silenciosa da grande cidade?

Se estavam certos na via racional –com porquês indestrutíveis– falhavam miseravelmente na esfera da paixão. Amavam-se profundamente. Deixaram-se, vencidos pela via da lógica em redoma, escorregando pelos dedos todas aquelas sensações que passaram a apenas suspirar em lembrança a partir dali.

37

A GRANDEZ
DE MARILÚCIA



O pessoal da pequena de cidade de Ibiratinga não entendeu nada quando a Marilúcia começou com uns enjoos logo pela manhã. Mais um tempo, na medida da crescida da buchuda, não havia mais dúvida: estava grávida.

Filha de um casal católico fervoroso, vivia coberta dos pés ao pescoço, num escondido de fazer inveja às burcas. De fato, e veja como são, quase ninguém sequer conseguia lembrar de jamais ter ouvido a voz da garota, mesmo beirando os 18 anos. O pai era daqueles que impunha rotina de rezas ajoelhadas três vezes ao dia virada pra Roma. A mãe vivia para cima e para baixo com um terço em mãos, e sempre antes de se dirigir a alguém, pedia: “Deus te abençoe”.

Nunca ninguém viu a luzes acesas da pequena casa depois das oito da noite. Era destas simples, pequeno portão para pedestre na frente, mureta de tijolos de menos de metro em altura, um pequeno jardim com uma árvore, e a casa ao fundo com uma varanda e um pequeno banco de ferro. Casa dum branco que ornava com o entorno, em outros tons, verde claro ou escuro, azul claro, um bege logo ali, tudo na base do descascado.

O pai não teve dúvida: “é obra divina!”

A mãe suplicava ao seu lado: “glória a Deus! Aleluia!”

Notícia correu rápido e varreu a cidade como rastilho de pólvora em São João. As cidades vizinhas também souberam da boa nova. Tão logo a convicção inabalável dos progenitores atingiu as mentes e corações da população, o troço tomou força.

Era gente que batia na porta logo às 06 horas da manhã, levando pão para a família.

— Aleluia, irmãos! Glória a Deus!

Mais dali a um pouco, gente preocupada com o futuro da criança. Começou simples: um pacote de fraldas, uma roupinha que não cabia mais no filho. Um dia apareceu um carrinho. Uma loja de roupas quis dar o enxoval inteiro. Prefeito até doou dinheiro para a faculdade na capital.

O casebre virou ponto de peregrinação.

Certo dia, em pleno Domingo, o patriarca foi acordado com barulho de vozes logo em sua janela. Assustado, correu para dar de cara com um grupo que reformava sua fachada, pintava e retocava o muro.

— Semana que vem a gente vai pra dentro, senhor.

— Aleluia, irmãos! Glória a Deus!

Gostou daquilo. Organizou grupos de oração, 3 vezes por dia, todo mundo ajoelhado, ali na pracinha do largo em frente, todos devidamente virados para o quarto da virgem em gravidez.

Veza ou outra, Marilúcia sentava-se na varanda, vestido branco, olhar no horizonte, um véu na cabeça. Teve que parar porque sua mão já apresentava alergia com tanta beijação.

Decidiram que a criança se chamaria Jesuíno. O Bispo foi rezar uma missa na cidade. Uns repórteres apareceram por lá. Jornal, rádio. Alvorço mesmo foi quando a televisão chegou.

Agendaram uma entrevista exclusiva com a virgem tocada pela centelha divina. A repórter sentada em sua frente na pequena cadeira de madeira com assento de palha trançada, segurando o microfone, ela na poltrona florida, cercadas por câmeras, luzes e equipamentos, além dos olhos vigilantes e subservientes de seus pais.

— Marilúcia, a cidade inteira, as cidades vizinhas, tem até romaria de outros estados vindo te ver. Você já se deu conta do que isso significa?

A garota apenas sorriu acanhada, desviando o olhar das câmeras. Claramente, ser o centro das atenções não era confortável para ela.

— O futuro de seu filho está com a vida garantida. Vocês receberam roupas, doações, existe um movimento do bem para ajudá-los. Como você se sente com isso?

Mesma reação da jovem, a cada pergunta, mais acanhada.

— Apenas podemos supor o quão divino é isto pelo que você está passando e imaginar que cada etapa foi muito marcante. Você consegue lembrar do exato momento em que você se sentiu abraçada por Deus e ali pensou “estou grávida”?

A garota, desta vez consentiu com a cabeça, ainda sem nada falar.

— E o que passou na sua cabeça? Como foi?

No que a voz de Marilúcia se fez ouvida pela primeira vez para muitos, um fiapo de voz que teimava em não sair, mas que não conteve os olhinhos virados, uma leve mordida no lábio inferior e um sorrisinho tão malicioso quanto imperceptível.

— Foi ótimo...

41



ZAGUERO-

ZAGUERO



Sábado, sol a pino. Era a Copa Veraneio, semifinal entre o Terrão da Vila Guilherme contra o Boleiros do Tatuapé, no estádio do Nacional. O Terrão tinha feito a melhor campanha da primeira fase, melhor ataque, melhor defesa. Tinha o artilheiro do campeonato, o Vitinho, moleque ainda com bigodinho ralo nunca aparado, mesmo com seus já 23 anos. Bom de bola demais. Diziam que tinha treinado um tempo no Palmeiras, foi cortado porque os caras não queriam pagar sua passagem de ônibus. Ou talvez fosse por sempre chegar atrasado, mas esta história não teria apelo nenhum na roda de amigos, finca-se a bandeira do injustiçado.

O capitão do time era o Necão. Zagueiro-zagueiro, de botar medo e de botar pra correr. Mistura de Lúcio com Júnior Baiano. Enorme, forte, tinha o cotovelo mais duro da várzea. Já mais velho, 38 anos, separado, três filhos homens e “o maior consumidor de Derby do Brasil”, como ele mesmo colocava.

Necão abraçou o Vitinho como seu protegido. Garantiu que o moleque se sentiria bem-vindo na equipe. Explicou os trotes, a iniciação, o esquema tático, as regras.

Para onde se olhava era sempre um incentivo, uma palavra de ânimo. Assumiu o papel de pai do Vitinho, que aceitou de muito bom grado, sem pai ele próprio, sem nenhum ser em casa para mandar tirar aquele fiapo de puberdade do rosto. O do Necão foi preso quando ele tinha apenas 6 anos, nunca mais voltou. Era uma guerra de compensações e redefinições de papéis.

Aconteceu duas noites antes do jogo. Necão esperava ansioso pela chegada do Vitinho, que apareceu com a Dejanira, a quem tinha conhecido havia poucas semanas, num baile ali perto. O semblante do Necão, ao ver a cena, mudou completamente. Bebeu. Bebeu muito. Bebeu de dar vexame.

Certo momento, no banheiro, encontrou com o Vitinho.

— Quem é essa aí?

— Qual é, Necão! Fala assim da Dejanira, não!

— Porra, Vitinho... Será que tu não percebeu ainda?

Tendo como resposta a cara de não sei-do-que-você-está-falando, Necão avançou e tentou forçar um beijo do Vitinho, no exato momento em que entrava o Biro-Biro, volante que usava o cabelo do homônimo, e cuja única reação foi um “que porra é essa?”

Combinaram ali que não comentariam com ninguém. Faltavam dois dias para a semifinal, ninguém podia ficar sabendo.

No dia do jogo, não houve palavras de ânimo. Vitinho, avoado, perdia bolas fáceis, errava passes de meio metro, fugia do contato. Necão não falava, não orientava o time, nem impunha medo a ninguém. Ainda no começo do primeiro tempo, entregou uma saída de bola nos pés do Juva, centroavante do Boleiros, que completou para o gol, para desespero do Agenor, goleiro do Terrão.

— Caralho, Necão! Tá com a cabeça onde?

Necão engoliu seco.

Insosso, o jogo seguiu e o Terrão não cumpriu sua sina de favorito.

Ao se reunirem no centro do campo, roda fechada, Necão assume à frente. Como capitão do time, era esta a sua função. Pede desculpas pelo erro, pelo jogo todo. Quando, para surpresa de todos, reunindo toda coragem que pudesse ter, se ajoelhou no centro do círculo, de frente para o Vitinho. Era necessário extravasar, liberar a angústia que sentia! E ali se declarou. De olhos vermelhos, marejados e aterrorizados, abriu seu coração.

Todos se entreolhavam, não acreditando. Logo o Necão? Um a um, todos foram saindo da roda, em silêncio. Vitinho ficou até o final, e, quando todos já não estavam mais lá, abraçou o amigo e disse-lhe algo no pé do ouvido. Ninguém nunca soube o quê.

Foi o último jogo do Terrão.

Rotina diária de alguns meses, a jogar sinuca num boteco na Vila Guiherme, Necão olha de minuto para a porta do bar, como a esperar por alguém que nunca chega. Não mais soube do Vitinho, a não ser quando Biro-Biro, único do time com quem ainda fala, lhe falou que ele logo engravidou a Dejanira.

— Aquelazinha nunca vai estar à altura dele, cochichou para si com desdém.

Suspira, acende um cigarro e pede quase gritando uma cerveja que lhe complete o copo vazio.

45



CRANFORD

COTIDIANOS



Causas cotidianas, versículo I

Voltava para casa todos os dias por volta das 18 horas. Cerca de uma hora dentro do ônibus lotado, mais 15 minutos de caminhada. Era religioso. Nos dias em que conseguia sair mais cedo ou quando o trânsito apressava a viagem, segurava o passo. Sabe como é, evitar surpresas mantém a saúde de um homem.

Causos cotidianos, versículo II

Dizia o Armando que a Ritinha estava dando mole para ele. Coitado, era motivo de chacota no departamento. Ritinha era a beleza da firma, enquanto o Armando era, digamos, desprovido de atributos físicos de algum valor.

— A Ritinha? Você está maluco, Armando?

— Te juro.

E todos caíam na gargalhada. E mesmo hoje, no terceiro filho, ainda olham desconfiados para as crianças.

Causas cotidianas, versículo III

Se a história do Evilásio pudesse ser resumida em uma palavra, essa seria paixão. Envolvia-se quase que mensalmente com uma mulher diferente, em busca daquela excitação que somente um novo processo de sedução pode proporcionar. Ninguém acreditava que ele seria capaz de assentar casa com outrem, até que conheceu Elzira e seu extasiante transtorno dissociativo de identidade.

Causos cotidianos, versículo IV

A primeira vez que o Genivaldo encontrou com a Laurinda foi inesquecível. Pelo menos para ela, que pediu o divórcio quando ele confundiu o dia com o que ele conheceu a Marinalva, rival de samba e de homem. Hoje, Genivaldo não sossega enquanto não treina as palavras para não irritar a Marinalva e não dar ponto sem nó. É danada a tal da mulher.

Causas cotidianas, versículo V

O pequeno Heitor acreditava, até os 7 anos, ser ele um verdadeiro super-herói. Depois, até os 14, alimentou o sonho de ser jogador de futebol. Até os 17, seu único objetivo era perder a virgindade. Ao obter sucesso nesta última, aprendeu que nada, além disso, vale a pena.

Causas cotidianas, versículo VI

Se o mundo hoje começasse o seu fim, começaria pelo Pedro. Bichinho azarado, tinha medo de sair de casa. E não era muito chegado em gente, também. Esperava todos os dias que todos os vizinhos saíssem para o trabalho em seus horários programados, para somente então ir-se ao seu próprio. Tinha uma vizinha, a Lúcia, do 603. Que sempre saía 5 minutos depois do Pedro, avessa a gente que era.

– Onde vou arrumar alguém que nem eu?, perguntavam os dois todas as noites antes de dormir. Moraram 15 anos no mesmo prédio, sozinhos. Nunca se viram.

52



CLÁUDIO &
MARILENE



“

“Poucas coisas se parecem tanto com a morte quanto o amor realizado. Cada chegada de um dos dois é sempre única, mas também definitiva: não suporta repetição, não permite recurso nem promete prorrogação. Deve sustentar-se “por si mesmo” – e consegue. Cada um deles nasce, ou renasce, no próprio momento em que surge, sempre a partir do nada, da escuridão do não-ser sem passado nem futuro; começa sempre do começo, desnudando o caráter supérfluo das tramas passadas e a utilidade dos enredos futuros.

Zygmunt Bauman, em Amor líquido.

”

Quando Cláudio conheceu Marilene, sabia estar diante de uma pessoa diferente. Já se via no tipo. Cabelo afro muito bem cuidado, roupas longas a lembrar as antigas mortalhas do Carnaval de Salvador, maquiagem que ressaltavam os grandes olhos de jabuticaba. Colares, pulseiras e adereços não faltavam. De fala mansa e sorriso no rosto, Mari, como preferia ser chamada, era dessas figuras cativantes. Apaixonante. Fazia o homem se derreter todo.

Era cheia de atributos, a morena. Físicos, intelectuais, afetivos.

Podia-se conversar por horas, de Brecht a Nietzsche, de Rousseau a Rand, filosofia, teatro, conhecimentos... E quando falava de Shakespeare, então? O sagrado encontrava o profano, impossível conter a lascívia.

Porque vinha com um corpo escultural, esculpido pelas ladeiras do Pelourinho, onde vivia. Aquele sobe e desce fizeram crescer, tentarei aqui, na figura do narrador onisciente, segurar também a minha libido, e direi, ape-

nas, que o vai e vem delineou uma bela bunda.

Agora, para que se faça jus à Marilene, peço que as duas últimas palavras do parágrafo acima sejam ditas de boca cheia, com vontade, bochechas infladas de ar que explodem para fora liberando uma dose extra de feromônios, testosterona e uma descarga de luxúria. Fez? Muito bem.

Voltando, Cláudio e Marilene.

Cláudio era professor em conceituada faculdade portuguesa. Tinha vindo para o Brasil numas férias de verão com alguns amigos. Inclusive, com a Verônica, sua noiva na época. Escolheram Salvador, com seus encantos e mazelas, prato cheio para os estudiosos do homem e da alma.

No que o grupo acabou se perdendo no dia de visita ao Pelourinho. Vendo-se sozinho, com fome e sofrendo no inclemente sol baiano, entrou no primeiro arremedo de restaurante que viu.

Com a vista ainda se ajustando à oscilação da luminosidade, apenas conseguia discernir um vulto que se chegava.

— Bom dia, meu branco, lascou-se a dizer Marilene, cheia de um sorriso encantador.

Há de se dar um desconto aqui para Cláudio. Coloque-se no lugar dele e veja o que a ocasião não faria. Calor, um pouco desidratado, com fome, vista embaçada, e ainda aquele jogo de luz todo? Não tinha como não se apaixonar por aquela voz e chamego.

Alguns acreditam que Mari fazia essas coisas de propósito. Outros acreditavam que tem que coisa que é pra ser, e assim ela era, sem esforço nem pensamento.

Ela o levou até uma mesa, fê-lo sentado, e, presenciando

seu estado quase catatônico, pôs-se a buscar uma água de coco para que se lhe recobrasse os sentidos. Numa golada apenas, Cláudio fez-se aliviado e agradecido. Conseguiu, finalmente, falar.

— Boa tarde, disse ainda com voz um pouco trêmula e fortíssimo sotaque português.

— Boa tarde, meu amor. Com fome? Veio pro lugar certo!

Aquela intimidade toda mexeu ainda mais com o filósofo, que já a amava, imaginando reciprocidade.

Era o primeiro cliente, restaurante vazio. Mari era a dona do estabelecimento, e recebia a todos com o mesmo sorriso de sempre. Supervisionava a cozinha com mão de ferro, receitas da avó dela, as quais tratava como relíquias. Conhecendo o tipo e o momento, virou-se de pronto:

— Pois fique tranquilo, que hoje eu cuido do senhor.

E quem não haveria de deixar?

Empanturrou-se na moqueca de arraia, pirão de leite, farofa de dendê e arroz, com uma pimentinha daqui, ó, daquelas de se falar com pontas de indicador e polegar segurando o lóbulo da orelha. Suava, limpava a longa testa branca com um lenço que carregava no bolso da camisa, para alegria do povo, que se deliciava com a gula do gringo.

— E aí? Fiz sucesso?

— Ô!

Nunca tinha ficado tanto tempo sem palavras e com isso não estava acostumado.

Movimento fraco, ela se sentou à mesa com o gajo e desataram a conversar. Ao saber se tratar de um profes-

sor de Filosofia e ainda com um título de sociólogo a tiracolo, perguntou se ele concordava com Bauman e Ivan Klima quando diziam que poucas coisas se parecem tanto com a morte quanto o amor realizado.

O nó na cabeça de Cláudio não mais se desfaria, nem seus pensamentos poderiam mais ser contidos. Marilene ali, dividindo mesa, seu perfume invadindo seu espaço, o suave frescor de sua pele que se fazia sentir quando ela o tocava antes de perguntar-lhe algo.

Era muita reticência para a pouca força de seus pontos finais. Já nem se importava com Verônica ou seu grupo de amigos. Na verdade, sequer lembrou-se deles.

No adiantado da hora, era vez de fechar o restaurante. Ela pediu para que ele ficasse mais um tiquinho. Acompanhou o fechamento, muxoxo ao ver o caixa do dia, dispensou os empregados. Foi até a mesa, apenas estendeu-lhe a mão, ao que ele respondeu sem desgrudar o olhar de seus grandes olhos negros.

Ela o guiou escada acima, onde morava. Lá, comandou o que ele jura ter sido o momento mais sublime de sua vida. Ela sempre de olhar firme contra o dele, resoluta, confiante e entregue. Rendeu-se às curvas, ao cheiro, ao sabor e aos desejos de Mari.

Algumas horas mais tarde, voltou cambaleante ao ar de fim de tarde do Pelourinho. Seu inconsciente o guiou de volta ao hotel, onde deitou-se atônito e claramente cansado. Ao ver, depois de um tempo, que Verônica entrava, pôs-se rapidamente de pé, lavou o rosto, e ali mesmo, sem ter nem porquê, terminou o relacionamento.

Voltou no dia seguinte, ofegante e esperanço, ao encontro de Marilene. Era cedo, mas não tão cedo. Naquela manhã, observou melancólico sua agora ex-noiva ir-se logo cedo ao aeroporto, tomou café sem demora, sorria que não se continha. Avoado, não se deu conta do um pouco atrasado da hora.

Ao chegar ao restaurante, viu Mari já sentada com seu novo Cláudio, distribuindo charme no zelo com o cliente.

Fez-se visto apenas pela fresta da janela. Ela sorriu de mansinho, como a dar-lhe as explicações necessárias.

Se ele fora apenas mais um, ela tinha sido única, e, para sempre, se sentiria mais realizado, embora diminuído. O que não necessariamente lhe acalmava a alma.

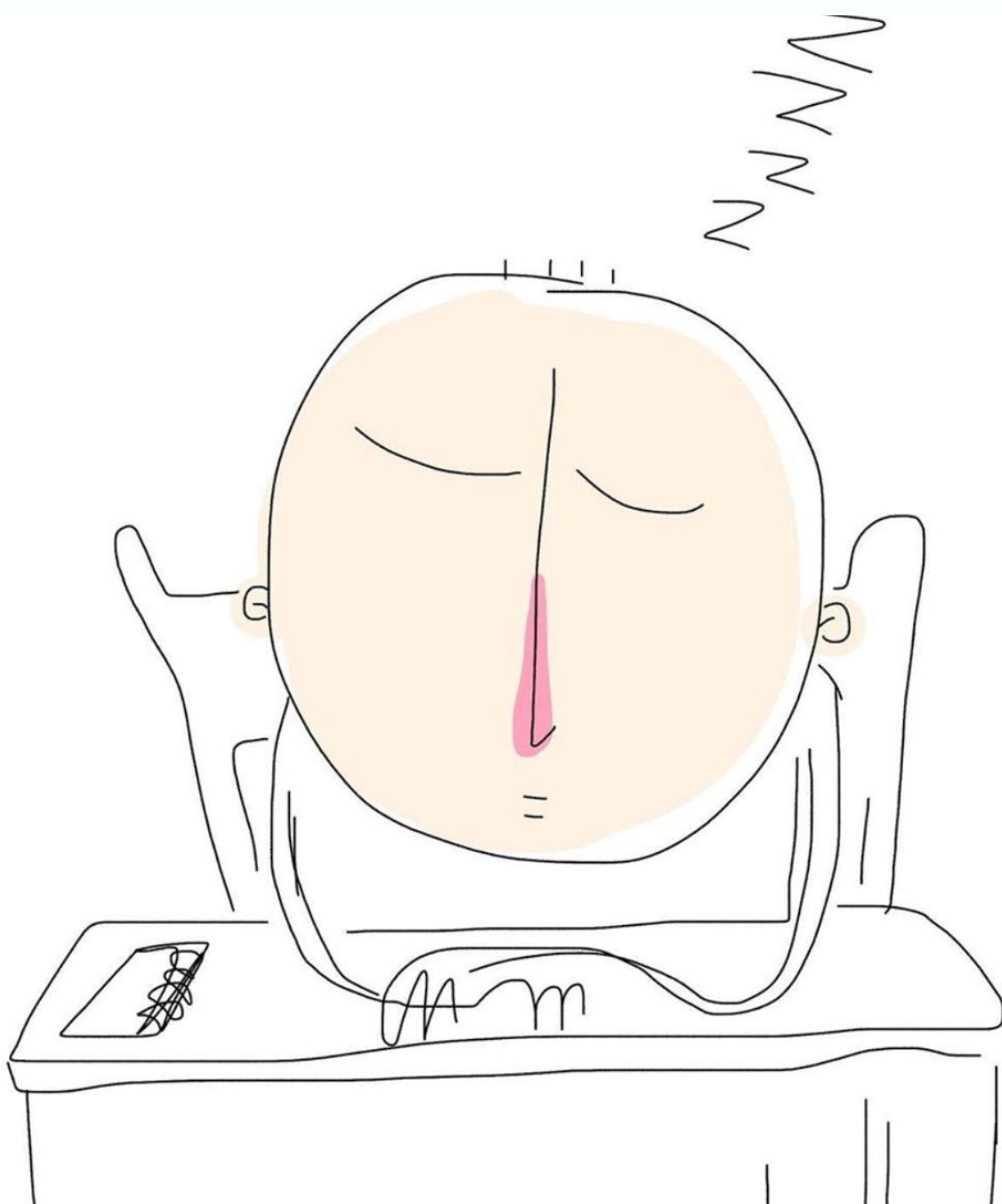
Bauman era, sobretudo, uma pegadinha do destino.

APOIA.se



catarse

**EU,
ESPERANDO
SEU APOIO.**



59



NICANOR. O
CANTO DAS
MULTIDÕES



Findava os anos 60 na pequena e a pacata vila de pescadores de Mutá quando lá chegou o circo. Notícia se espalhou como rastilho de pólvora, e nem precisava de caminho longo para o pavio, não, porque a gente acabava logo ali. Expectativa na cidade, tocou todo mundo a ver a atração que tinha invadido a cidade.

Cidade é modo de dizer, mas vamos em frente.

Primeiro, o palhaço entrava e anunciava cada artista circense. E, um a um, eles tomavam conta do centro do picadeiro e performavam sua arte. Eis que entra Maura, a rumbeira.

Podia-se sentir no ar o embasbacado de cada homem ali presente. Maura era linda, faceira, e ainda por cima dançarina? Era encanto demais para pescador não se arriar.

Mas quem arriou mesmo foi Bacurinha.

Casado com Anita, já com primeiro filho nascido. Tal qual sereia cantando, Bacurinha foi sendo levado pelo sacolejo das cadeiras de Maura. Cada para-lá era um punhado de batidas aceleradas de coração, cada para-cá era a certeza de que com ela tinha que ir-se.

Foi uma choradeira danada na casa de Anita quando Bacurinha anunciou que ia embora com o circo. A senhora prometeu não mais querer vê-lo, “vá e nunca mais volte”, e ele com seu punhado de roupas mandou-se já no dia seguinte, dando as costas a Mutá e oferecendo seu coração a Maura.

Que, digamos, não se empolgou por demais com o fervor de Bacurinha.

Já no dia seguinte chegou o circo a Cações, outra vila de pescadores poucos quilômetros costa adentro, para sua nova apresentação.

O dono do circo foi ter com o novo integrante da trupe.

— Nicanor, aqui cada um tem uma função. O que você sabe fazer?

Nicanor era o nome de batismo de nosso herói, que assim se apresentou ao dono do circo, porque formosura como Maura não se cai por Bacurinha.

— Eu sei cantar.

E no que o palhaço varreu a contar dos artistas naquela noite, dentre eles estava Nicanor, o cantor das multidões.

Então, uma vez mais, como toda noite de picadeiro armado, cada um invadia o espaço e remexia seu remelexo.

Até que chega a vez de Bacurinha. Quer dizer, Nicanor, o cantor das multidões.

Toma-lhe o centro do palco, silêncio armado para a voz, no que a emposta, inflando o peito, e deixando sair as primeiras palavras.

Na pequena plateia, um homem, companheiro de agora ex-profissão, começa a olhar desconfiado, e nem terminado o primeiro verso, grita:

— Isso aí não é Nicanor, não! Isso aí é Bacurinha, discarado de Mutá!

Remoído na vergonha e reduzido pelas gargalhadas, junta seus trapos e volta correndo para Mutá naquela mesma noite, para ser recebido por uma ressentida Anita, que o teve de volta, mas com ressalvas tantas, que usava a história para fazer realidade seus desejos pela culpa sentida do agora atual, uma vez mais, marido.

E quando saía a ter com amigos, ou na volta da pescada, na galhofa se refestelavam os seus, que o viam descer a

rua e se fartavam a gritar:

— Isso aí não é Nicanor, não! Isso aí é Bacurinha!

Que então xingava sete gerações de cada um e voltava revoltado para casa, sem mais ter um segundo de paz.

63

TERMINOS
ABRUPTOS DE
RELACIONAMENTO
QUE NÃO
COMEÇAM



Términos abruptos, um conceito

Um amigo meu, tempos atrás, me fez lembrar de uma cena de Closer, o filme. Nela, Jude Law e Natalie Portman brigam, ele se exalta e fala o que não deve. Sai do apartamento para esporecer. Quando volta para pedir desculpas, percebe que naquele instante das palavras sem controle, naquele segundo, o amor dela tinha-se ido. Assim, num piscar de olhos.

Você consegue dizer exatamente quando acabou o amor, o desejo?

Términos abruptos, parte I

Ela é bonita, bem bonita, daquele tipo que já sai dilatando minhas pupilas e redistribuindo fluxo sanguíneo. Depois de uma primeira troca de olhares que selou o acordo, fui eu curioso para saber mais sobre ela, tão linda!, que consegue apenas responder:

– Sou de Áries. Não preciso falar mais nada sobre mim, né?

Términos abruptos, parte II

Num bar qualquer desse da vida, conheço uma senhorita. A gente conversa, se beija, o beijo esquenta, e depois esquenta mais ainda. Resolvemos sair para um lugar mais tranquilo. Como estou sem carro, vamos no dela. Quando ela liga seu Ford Ka, na virada da chave o som começa com seu batuque, e ela grita em unísono com a Joelma:

— Calypsoooooooooo!

Términos abruptos, parte III

Bar de rock é dos meus programas preferidos. Eu com amigos, ela com amigas, em pouco tempo estávamos todos gargalhando. Diversão garantida. Que legal, poxa!, ela frequenta o mesmo lugar que eu tanto gosto! Quer dizer, não tanto quanto antes.

— A vida muda, né? Eu costumava vir muito, hoje venho MENAS vezes, bem de vez em quando.

Términos abruptos, parte IV

Bar de rock é dos meus programas preferidos. Eu com amigos, ela com amigas, em pouco tempo estávamos todos gargalhando. Diversão garantida. Que legal, poxa!, ela frequenta o mesmo lugar que eu tanto gosto! Quer dizer, não tanto quanto antes.

— A vida muda, né? Eu costumava vir muito, hoje venho **MENAS** vezes, bem de vez em quando.

69



L'AMOUR

DE DEUX



Está num leve toque de mãos. Aquele de inesperado ou aquele que caminha junto, ou aqueles de outros tantos modos e tantas maneiras, choque que acelera o batimento.

Numa gargalhada, sorriso aberto àquilo que diverte. Não precisa de muito, precisa, apenas, que seja.

Na comida feita em casa, mas pode ser pizza também, porque tem dia que a gente merece.

No abrir de um vinho, de uma cerveja. Um suquinho às vezes resolve.

Na leveza do dia-a-dia. Os que dizem que relacionamento é troço complicado ou se utilizam da retórica para justificar um a-dois infeliz, ou a régua para o descontentamento está elevada.

No preservar da individualidade. Não somos um: somos dois formando o um.

Nas conquistas, alcançadas, planejadas ou sonhadas. Vambora, que se cair, eu seguro.

Nas conversas, aquelas sem atropelamento ou destempero, que avançam nas horas sem se fazerem percebidas.

Nos almoços ou jantares na casa dos pais, não como obrigação, mas como querer.

Naquela ligação no meio da tarde para apenas saber como está. Trabalhando? Comeu? E a viagem, como foi? Na faísca que explode na troca de olhares. No toque da pele, no beijo que não se quer que termine.

Pode estar em muitos lugares.

Há um, no entanto, que é especial, por transcendental.

Ali, deitada sobre meu peito, o exato instante em que o prazer encontra a tranquilidade. Quando a entrega física se põe em mutação para a entrega da alma. Sou sua. Sou seu. Na janela em que não há pressa nem palavras.

Aquele ponto onde não se consegue distinguir o que é paixão do que é amor. Naquele ponto onde o portal para uma nova experiência metafísica se abre. Química, filosofia, biologia, e outras tantas ciências agem silenciosamente em nome do 'eu te amo'.

A mão leve que me acaricia, despretensiosa. O afago natural em réplica nos longos cabelos.

Leves carícias a dizer que o caminho se percorre junto. E que não há ninguém no mundo com quem mais se queira atravessá-lo.

72



CARPE

DIEM



A Lapa, bairro encravado no coração da Zona Oeste da cidade de São Paulo, é um lugar lúdico. Um quê de vintage. Em um bom pedaço dele não há prédios; as ruas são margeadas por casas e calçadas arborizadas.

Ainda ontem, um carteiro decidiu fazer uma rápida pausa para repor energias enquanto comia amoras direto no pé. Poucos metros à frente, um senhor consertava o interfone de sua casa. Já uns metros antes, outro senhor lia e via a vida passar sentado num banco na varanda, enquanto seu cachorro aproveitava a proximidade de seu companheiro para latir força, braveza e poder. Saudei o senhor, que ria da algazarra de seu animalzinho.

As casas são as trincheiras da pièce de résistance contra o mundo moderno. Muitas não possuem grandes muros, alarmes, ou quaisquer outros aparatos de segurança. Um certo ar interiorano domina o ambiente; mesmo com o barulho do trem a ecoar. Mesmo com o comércio popular da 12 de Outubro ali perto; mesmo com o ruidoso Mercado da Lapa a abastecer o comércio da região.

Andava eu pela rua paralela aos trilhos do trem. À minha esquerda, na calçada de mesmo lado onde eu seguia, uma casinha térrea. Um muro de pequenas e finas espigas de metal, não mais do que um metro e vinte de altura. O jardim muito bem cuidado. Um canteiro em um cantinho com rosas, uma pequena árvore, banco de metal, mais outras tantas plantas, todas garantidas no zelo.

Um Honda Fit parava no que imagino ter sido depois de um dia de trabalho, sol prestes a se pôr numa agradável tarde de inverno, ensolarada e carregando reconfortante temperatura amena, com uma leve brisa a acariciar a pele.

Uma senhora, algo entre 60 e 70 anos, saltou do veículo. Usava um uniforme por baixo de um casaco de linha que cobria até as coxas. A saia estendia a barra e a renda do casaco, não sei se de tricô ou de crochê. Uma rasteirinha

completava-lhe o estilo um tanto monocromático, como exige o manual de conduta de uniformes e padrões.

Um senhor, que aparentava a mesma idade, havia aberto o pequenino portão. Vestia um cardigã bege sobre camisa branca, uma calça de sarja azul puída, chinelas de couro sobre meias de algodão brancas, óculos de grau pendurados pela corda no pescoço.

Ela descendo do carro, ele trancando o portão.

Cumprido o rito mecânico da função, entregaram-se ao seguimento afetivo.

Caminharam para se encontrar. Cada um com um sorriso maior do que o outro. Ambos erguiam os braços, como criança correndo para abraçar. Havia alegria genuína por se verem depois de dia de labuta. Abraçaram-se num longo abraço fraterno, puro. Deram-se uma bicota, o beijo possível pela idade, ficaram mais alguns segundos de rosto colado.

Deram-se as mãos, ainda um de frente para o outro. Perguntavam-se como o dia tinha sido, mas o que importava era escutar, então ambos perguntavam, mas nenhum respondia. Riam-se do impasse. A bela hesitação de que tanto se orgulhavam: para ambos, a prioridade era o outro. Ela, a forasteira, então, balbucia descrições do dia desbravando o mundo externo, para alegria de seu velhinho. Ainda de mãos dadas, rumam para dentro de casa.

Permaneci espectador, parado na rua, de uma cena de amor explícito.

Afinal, quanto amor há de haver para que, depois de décadas de companhia, o reencontro depois de um dia de trabalho seja construído de tanto afeto, tanto companheirismo, tanto carinho, tanta felicidade? No rosto, estampada em letras garrafais, a certeza de que o ponto alto da jornada se fazia no instante.

Quanto amor há de haver para que a companhia de uma vida inteira seja ainda o melhor momento de seu dia?

Talvez, a aposentadoria dela tenha finalmente se consolidado depois de uma longa estada de dedicação ao trabalho. Talvez neto ou bisneto tenha, em choro, vindo ao mundo. Talvez coincidisse um aniversário simbólico, de namoro, de casamento... Talvez qualquer outra notícia boa tenha caído sobre eles.

Ou talvez, e aqui reside a beleza em sua forma mais original, seja apenas mais um dia. Um dia como outro qualquer. Um dia depois de um dia de trabalho, com sol prestes a se pôr numa agradável tarde de inverno, ensolarada e carregando reconfortante temperatura amena, com uma leve brisa a acariciar a pele, num jardim bem cuidado numa casinha térrea de muro quase-cerca, recortado por pequenas e finas vigas de metal, elevando-se a não mais de metro e vinte.

Um dia como outros tantos tão felizes quanto, porque renovam-se num carpe diem suave, abrindo-se para que a companhia de uma vida inteira permaneça, sem rasuras, sua maior alegria.

76

ZICA DO
CASAMENTO



Passam-se os anos e a gente amadurece. Repensa as atitudes, revê aquilo que pode ser melhorado, revisita cada momento analisando o que de errado aconteceu. Queremos ser pessoas melhores. Aprender é, inexoravelmente, ato contínuo.

Daí que meu casamento, terminado no agora longínquo 2014, entrou também nesta seara de avaliação. Ora, e como não? Evoluir no novo “a dois” é tarefa fundamental para evitar criar gatos numa quitinete.

Raciocinei-me todo e cheguei até o ponto exato em que havia a evidência clara de que o casamento não era assim uma boa ideia. O ponto chave. Aquele que, a partir dali, seria ladeira abaixo, na banguela e sem freio. Tivesse eu percebido os sinais que o universo tão meticulosamente me jogava na cara, tudo seria diferente.

Conto como assim foi.

Chegava eu ao cartório da cidade para perguntar sobre os trâmites necessários para poder contrair matrimônio. Se precisava agendar hora, quais os documentos, quantas testemunhas, e mais o que fosse exigido. Segui as setas que indicavam o caminho, peguei uma senha e esperei. Havia apenas um escrivão atendendo. Na mesa com ele, 3 pessoas: uma menina, a mãe dela e um garoto.

— Eles vieram aqui pra casar, senhor, iniciou, impaciente e resoluta, a matriarca, segurando a filha pelo braço.

— Entendo.

— Eu preciso que o senhor me diga o que precisa para que eles casem.

A cena das caras de pavor dos dois garotos contrastadas com a raiva latente da doída mãe era um tanto cômica. O garoto, coitado, tremia apavorado. Sequer tinha tirado o boné em momento tão importante de sua vida: seu casamento.

Continuou o escrivão.

— Aqui nós temos a lista de documentos necessários para que o casamento possa ser realizado, e entregou uma folha de papel para a senhora em sua frente.

— Pois a gente vai é agora buscar tudo. A gente volta e já casa agora mesmo.

O camaradinho lá todo trancado. Não passava nada. A menina, de cabeça baixa e sem trocar um olhar com o mundo fora de seus joelhos.

— A senhora vai me desculpar, mas tem um problema aqui...

— Problema? Não tem problema nenhum! O senhor vai casar estes dois é hoje mesmo.

— Então, senhora. Eu até poderia, mas apenas se os dois quiserem realmente casar. Tem que ser consentido pelo casal.

— Eles querem e vão!

— Vocês querem, realmente, casar? Virou o escrivão para os pombinhos.

— Querem!

— Não, senhora. Eles é que têm que responder.

Ela apertou com força o braço da menina, que continuou com os olhos fixos, imóvel, nos joelhos. O rapaz olhava para fora, como se aquilo tudo ali nem fosse com ele. Silêncio total, quebrado, uma vez mais, pelo escrivão.

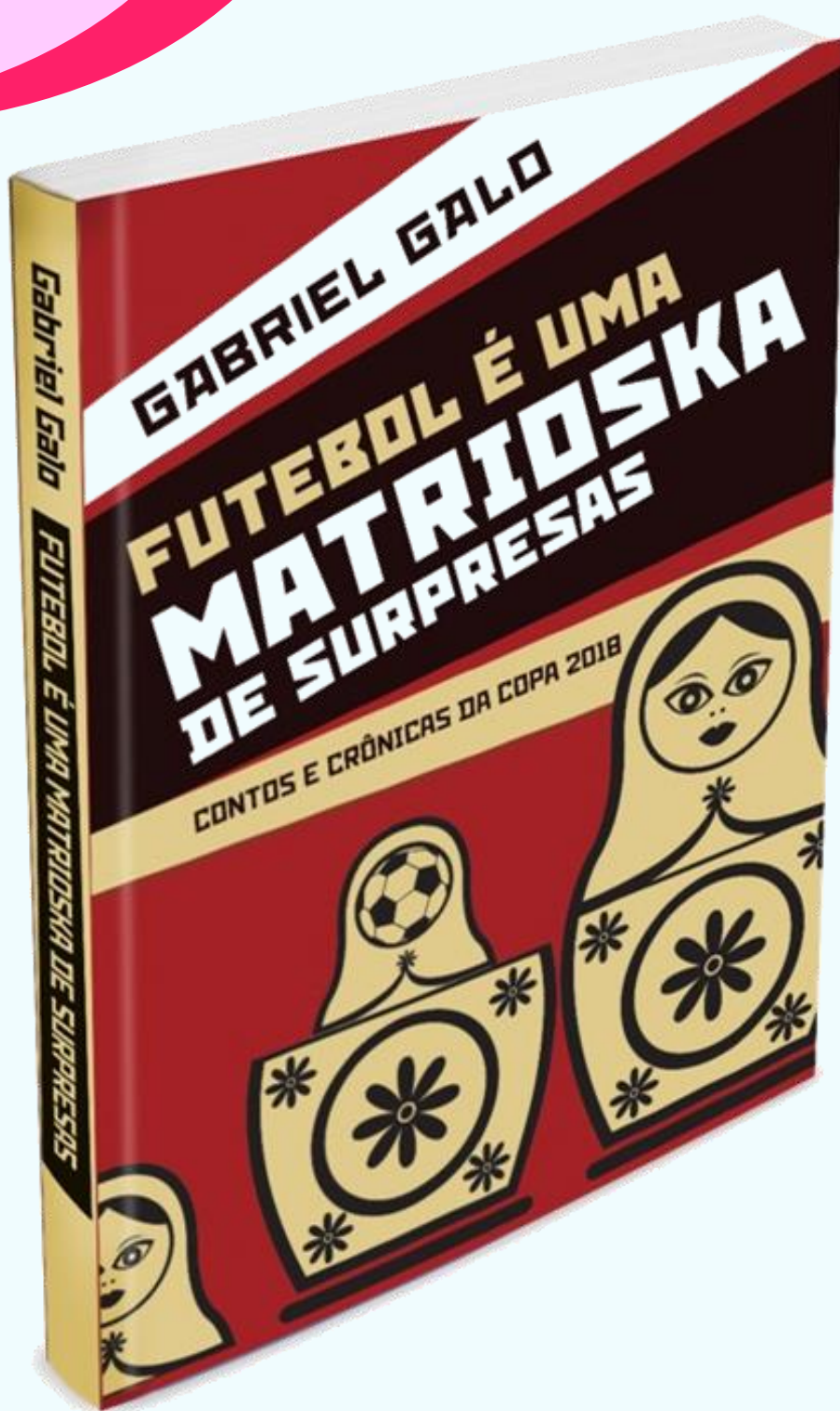
— Infelizmente, senhora, eu não vou poder realizar este casamento.

Agora, por mais que eu tente, jamais poderei descrever com exatidão a alegria estampada na cara do rapazote. Sua expressão saiu da apreensão da morte ao êxtase da vida eterna. Naquele instante, por dentro, ele reagia tal qual um funcionário desmotivado, preso num emprego medíocre e odiado pelo chefe que descobrira ter ganhado sozinho na Mega da Virada. Ele estava assim, mas por dentro. Por fora, o maior sorriso que um ser humano poderia exhibir. E a menina era, finalmente, via mais do que joelhos.

A senhora pôs-se, então, de pé e seguiu para fora pisando firme, resmungando, até que eu não mais pudesse vê-la. O casal, recém-saído das fraldas, se olha com alegria e alívio. Escaparam do maior castigo existente por um simples sexo adolescente.

A tela apita a minha senha. Tudo era um pouco surreal naquele momento. Não importa aqui a sua crença, fé, se acredita em destino, magia ou casualidade. A partir daquele instante, aos que acompanharam tal espetáculo, instalava-se a zica do casamento. Estava amaldiçoado. Assim, simples. Porque nenhuma história pode prosperar quando a vitória do casamento evitado é tão acachapante.

HORA DO
MERCHAN



DISPONÍVEL
SOMENTE NA

amazonkindle



“

O MELHOR LIVRO
SOBRE A COPA DO
MUNDO **RÚSSIA-2018**,
DENTRE AQUELES EM
PORTUGUÊS,
ESCRITOS POR UM
BAIANO E LANÇADOS
DE MANEIRA
INDEPENDENTE EM
OUTUBRO DE 2018.

REFERÊNCIAS -

Amado Batista

The Beatlers

Beto Jamaica

Compadre Washington

Donald Trump

Edson

Fábio Jr.

Freddy Mercury

Joelma

Jude Law

Hudson

Natalie Portman

Odair José

Raça Negra

Reginaldo Rossi

Romero Brito



Sérgio Rossi – artes de capa e internas
de Apoie!

Zygmunt Bauman

APOIS -

VOCÊ **AMA** APOIAR VOZES INDEPENDENTES?

Tudo o que você lê, ouve e assiste aqui no Papo de Galo é essencialmente grátis. Mas boleto não liga pra isso. E eu preciso de sua ajuda.

Você pode contribuir de diversas maneiras. O mais rápido e simples: assinando a [NEWSLETTER](#). Isso abre a porta pra gente chegar diretamente até você. Tem mais. Você pode compartilhar esta revista com seus amigos, por exemplo. Você também pode seguir nas redes sociais, comentar, compartilhar, convidar outras pessoas. Assim, o que a gente faz ganha mais alcance, mais visibilidade.

Mas tem algo ainda mais poderoso. Se você gosta do que escrevo, você pode contribuir com qualquer quantia que puder e não vá lhe fazer falta no [APOIA.SE](#) e no [CATARSE](#). Estas doações ajudam construir um compromisso de permanecer produzindo, sem abrir mão da qualidade e da postura firme nos ideais. Com isso, você incentiva a mídia independente e se torna apoiador do pequeno produtor de informações. E eu agradeço imensamente.

APOIA.se



RELACIONAMIENTO
ABUSIVO

Mas I Love you...

